



Chrys Chrystello*

Morreu Luís Cristóvão de Aguiar 5-10-2021

5.10.2021

Acaba de falecer Luís Cristóvão de Aguiar, um dos grandes nomes da literatura. Era natural do Pico da Pedra, onde nasceu em 1940, tendo a partir de 1999 adotado S Miguel Arcanjo no Pico como segunda casa. Da sua vasta obra, destaca-se a Trilogia Raiz Comovida, tendo por ela recebido o importante Prémio Ricardo Malheiros, dos muitos que recebeu ao longo dos anos. Em 2001 foi agraciado pelo Presidente da República com o grau de comendador da Ordem Infante Dom Henrique.

A literatura ficou mais pobre! O Pico da Pedra perdeu um dos seus ilustres filhos.

Deixa 3 filhos, José Manuel Aguiar, Artur Aguiar e Luís Aguiar. Que descanse em paz.

Gostava de aqui recordar momentos inolvidáveis que com ele passei nos colóquios da lusofonia em 2009 na Lagoa e em Bragança e na sua casa do Pico. Recordo o que então escrevi:

12.8.2011

Parado no aeroporto da Horta, não sou o Passageiro em trânsito do Cristóvão de Aguiar, nem transporto o Fogo Oculto do Vasco Pereira da Costa, antes deixo que os ponteiros do relógio caiam lentamente, minuto após minuto, por entre o linguajar dos que, comigo, esperam um avião. Como sempre acontece, quando excursiono nestas ilhas atlânticas, nunca tenho vontade de partir: impérvio, permaneço sentado, quase imóvel, no pátio de observação do aeroporto da Horta. Estou de frente para o Pico que me pisca o olho, sorrateiro, por entre as nuvens, escondendo-se, amiúde, dos meus olhos perscrutadores. Ao contrário do Cristóvão não carrego comigo a ilha e a que transporto não é outra. Não trago a reboque este arquipélago, mas deixar a ilha é sempre uma partida sem regresso marcado, como quem faz um luto indesejado ao correr dos dias. Não levo comigo a dor nem a lágrima furtiva, apenas acalento o desejo do regresso numa noite de luar como o de ontem.

05.09.2009

Há dias escrevia-me ele (Cristóvão de Aguiar) a dizer:

“Obrigado pelas tuas palavras de amizade. E também pelas fotografias que mandaste em devido tempo e nem sequer respondi, do que me penitencio. Quanto à Rosário | Girão dos Santos J, tenho a dizer-te que é uma crítica de primeira-água. Sabe o que faz, e é muito segura no que escreve. Por vezes não chega à sua altura e não entendo certo vocabulário da hermenêutica, mas a culpa é toda minha, que sempre fui relapso à teoria literária e linguística.”

Muito inferiorizado me julgo, como sofria já com o meu mentor político, também ele ligado aos Açores (Melo Antunes) e outro mentor intelectual (também já falecido) o Zé Augusto Seabra. Se agora encontro neste amigo novo um escritor que se creí maldito porque outros o fizeram assim, um ser acossado por tudo e por todos, mas sobretudo por si mesmo, por outro lado, não me revejo nele ao entrar nesta fase adiantada da minha vida com um otimismo que me não é inato. Até hoje nem lhe respondi, pois, não sei como, nem hermenêutica nem exegese me tocam, que são ramos do conhecimento para além da minha compreensão, que estudos de Humanidades não tive, nem meus pais me deixaram e, se sou como sou, a meu pai o devo, tal como Cristóvão o é devido ao seu pai. Plantamos árvores, publicamos poesia e tivemos filhos em buscas incessantes pelo Santo Graal e desconfio que ambos sabemos que não existe, a não ser na busca incessante com que criamos, uma mera *raison d'être* nas nossas mentes conturbadas.

Cristóvão de Aguiar fez uma comparação lisonjeira, quando lhe disse que não mentia ao escrever pois o que saía da minha pena era genuinamente sentido. Afirmou que outro transmontano e escritor, de seu nome Miguel Torga, lhe dissera alhures que nunca mentia ao escrever poesia. Seria pela origem transmontana comum, mais do que qualquer outra coisa, que Torga não sou nem nunca fui a não ser na expressão de sentimentos reprimidos.

Sei que ele anda ocupado e acompanhado, mas encontrei um exemplar do modelo base que pretendo (em tamanho maior) para os nossos Cadernos de Estudos Açorianos...aliás foi a “Maré Cheia” que deu a ideia de fazer os Cadernos com a minha visão de forasteiro. Estão eles bem entregues para que deles construa, pedra a pedra, Cristóvão de Aguiar um pequeno novo Vértice, a revista vanguardista da qual foi saneado injustamente em meados da década de 1980. Ao fim de dois meses de silêncio pus a minha pena de croniqueiro a funcionar e enviei-lhe a cópia desse escrito (Crónica 67) na qual exprimo com a verve de jornalista que nunca deixei de ser, o que a escrita dele (que lentamente descobri) me proporciona. Para ele, a escrita nunca será catarse pois é fruto de amores incompreendidos entre si e a ilha... enquanto para mim a escrita e os colóquios da lusofonia são a catarse constante da minha guerra colonial sem mortos nem feridos, e tampouco tiros.

Dei comigo a sorrir, facto inusitado e deveras inopinado. Encontro tanto sofrimento na escrita do Cristóvão que me apetece cruzar este Mar Oceano e ir ter com ele ao Pico consolar as suas velhas penas. Durante quarenta e cinco anos sofri calado, ou nem tanto, escrevi para a gaveta dores e amores, raivas e ódios, cruzadas.

Caro Amigo Chrys,

Após a longa conversa telefónica havida entre nós esta manhã, vim agora deparar com o teu texto de abertura aos Colóquios de Bragança. Como escrevi em epígrafe, é de mais! De mais, não porque considere lisonja o que escreveste sobre mim (seria uma ofen-

sa que te fazia), mas porque tenho sido tão fustigado, aqui, na minha terra, que estava longe de pensar que ainda fosse possível a alguém dos arrabaldes de uma amizade recente, mas de uma forte empatia (um Australiano nos Açores), fazer uma análise tão séria e sábia sobre obra minha. Embora, e sem desprimor para quem a elaborou, a considere muito para além das minhas capacidades de escritor. Como o padre no Ofertório, digo-te: Senhor, non sum dignus!

De há uns tempos para cá, porém, tudo se tem passado como se uma varinha-de-condão estivesse a tocar-me no destino. E esses tempos para cá, é bom concretizá-lo, têm um ponto de partida: os Colóquios realizados na Lagoa em março - abril do corrente. Lá encontrei, contra todas as minhas expectativas, uma plêiade de personalidades que fizeram olhar-me ao espelho da minha humildade, ao mesmo tempo que me infundiram confiança e à-vontade, boa disposição e alegria, despreconceito e saúde intelectual...

Soltei-me dentro da minha caverna; ao princípio, dei alguns saltos a medo, mas procurei conter-me e ir subindo devagar em direção à luz que me ofuscava. Ainda ando encandeado pela sua intensidade e pela rapidez com que tudo aconteceu, mas, pouco a pouco, espero desvenencillar-me dos muitos cadilhos que ainda me amarram a um cais de onde nunca embarquei e nem sequer me lembro se em cima dele fui ficando permanecendo. Há dias, foi a Maria do Rosário com a sua acutilante e profunda análise ao meu tão mal-amado Passageiro em Trânsito, que me calou bem fundo, e me deu um sentimento de desforço de que há muito andava carecido. Agora és tu. Será este o ano da minha morte? Já não sei o que dizer mais. As palavras fogem-se como coelhos bravos a atravessar em correria a estrada do mato.

Um forte abraço do Cristóvão

09.09.2009

Isto das ilhas tem muito que se lhe diga, algumas estão de costas voltadas para o mar, como em S. Miguel, enquanto outras há que não vivem sem ele, como no Pico. Sei que é uma questão de tempo até começarem a zurrir nos forasteiros que ousam opinar sobre este arquipélago. Quando se perora sobre as nove filhas de Zeus urge não melindrar os interesses estabelecidos. As visões críticas ou não conformadas aos cânones podem acarretar sérios riscos para a saúde mental dos seus autores. Vozes críticas ou arredadas dos estereótipos não abundam nem são benquistas.

As elites dominantes e os poderes caciqueiros logo se insurgem. A ingratidão, vergonha e falta de patriotismo são epítetos comumente usados para denegrir os que ousam. Citam-se páginas relevantes da heroica gesta açoriana, com destaque para as guerras liberais e inúmeras desventuras de emigrantes que triunfaram. Surgem editoriais e recensões violentas nos jornais locais. Os caiaeiros-viajantes da cultura logo se arrogam o direito de defender a açorianidade ofendida. Tais declarações de repúdio raras vezes saem dos quatro cantos do arquipélago que falar dos Açores ainda não se tornara moda na grande capital do Império. Foi isto que, por mais de uma vez, aconteceu ao amigo, o mal-amado escritor Cristóvão de Aguiar. Apodaram-no de tudo e mais alguma coisa, pois convém sempre ser mais papista que o papa. Em meios pequenos é consabida a tendência para apoucar aqueles que das leis do esquecimento se desembaraçaram, como diria o vale, enquanto o imperador e séquito distribuem viagens e mordomias. Terras pequenas, invejas grandes, a reprodução do mote popular “a minha festa é maior que a tua”.

Fomos almoçar ao Clube Naval de S. Roque com um bom serviço de “buffet” ao preço de 7,00 euros e café incluído. O Cristóvão de Aguiar proclamou-se guia e levou-nos às Lajes à “Semana dos Baleeiros” sempre após a “Semana do Mar” na Horta. Tive de mudar a anterior opinião sobre as Lajes logo que visitamos o que resta das muralhas do forte (ora reconstruídas e aproveitadas como espaço turístico) e o Centro de Artes e Ciências do Mar (na antiga fábrica da baleia SIBIL, equipamento industrial que se dedicou à transformação dos grandes cetáceos em óleos e farinhas). Havia lá uma moderna livraria, a única digna desse nome nas ilhas do triângulo. Nela encontramos inúmeros livros para acrescentar à coleção de autores açorianos.

Em amena cavaqueira dizia o Cristóvão que tinha conseguido algo que eu almejava, ver alguém a ler um livro seu num jardim de Coimbra. A surpresa foi ver o meu último livro “CHRÓNICAÇORES”, incluído na “literatura açoriana” e foi, então, que a jovem funcionária, Cláudia de sua graça, declarou que tinha adquirido o livro e estava a lê-lo em casa. Autografei outra cópia, com o ego exultante por estar ao lado dum célebre autor e ser eu a autografar a pretensiosa trilogia. Claro que após este incidente, as Lajes do Pico pareceram mais bonitas, soalheiras e convidativas do que em visitas anteriores.

Sentamo-nos numa esplanada na marginal a dessedentarmo-nos enquanto se punha a conversa em dia, antes de subirmos ao Alto da Rocha do Canto da Baía para visitar a “Cabana do Pai Tomás”.

Satisfiz a curiosidade de visitar a casa de Dias de Melo. Nas viagens anteriores ainda não conhecia o autor. Ali, espartaneamente vivera, numa casa pequena e humilde, ora telhada de novo mas com o desconforto da minúscula casa de banho exterior no piso térreo. Em cima, o autor dormia, comia e escrevia. Do pátio exterior avistava-se a imensa mancha de Mar Oceano ponteadá pelo pequeno farol da Calheta de Nesquim que serviria de inspiração a tantos dos seus livros.

Em linguagem cinematográfica chama-se a isto um “fast-forward” em que se rebobina a imagem e se passa adiante. Após 4 dias e cinco noites de convívio intenso e aprendi-